

**FACNORTE****Faculdade do Norte do Paraná**

Credenciada pela Portaria MEC nº 175, de 24/02/2000

UMA ANÁLISE DA TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Ademar dos Santos Lima é Mestrando em Ciências da Educação e Multidisciplinaridade pela Universidade do Norte do Paraná - FACNORTE.

Professor de nível superior da Secretaria Municipal de Educação de Manaus - AM

GT: Fundamentos da Educação.

Disciplina: Teoria social e educação infantil.

E-mail: ademarlina7@hotmail.com

Resumo

O presente artigo teve como finalidade, efetuar uma análise acerca da Teoria das Representações Sociais (TRS) e possível aplicação desta no âmbito de pesquisas em educação. Tratou-se, portanto, de um texto especificamente teórico e de pesquisa qualitativa, o qual teve como embasamento teórico os textos em teoria das representações sociais de Prado e Azevedo (2011), Rateau et al (2012), Mazzotti (1994) e, a técnica de investigação empregada foi bibliográfica e documental.

Palavras-chave: Teoria social, representação social, sistemas de referência.

Abstract

This article was intended, make an analysis about Social Representations Theory (SRT) and possible application of this in the context of research in education. Therefore, this was a theoretical text specifically and qualitative research, which had as its theoretical foundation texts in social representations theory of Prado and Azevedo (2011), Rateau et al (2012), Mazzotti (1994) and the technique used was bibliographical and documentary research.

Keywords: Social theory, social representation, reference systems.

Introdução

Este trabalho teve como intuito o estudo das representações sociais, com o objetivo de investigar como se formam e como funcionam os sistemas de referência que se utiliza para classificar pessoas e grupos e para interpretar os acontecimentos da realidade cotidiana. Por suas relações com a linguagem, com a ideologia, com o imaginário social e, principalmente, por seu papel na orientação de condutas e das práticas sociais, as representações sociais constituem elementos essenciais à análise dos mecanismos que interferem na eficácia do processo educativo. Há muitas formas de conceber e de abordar as representações sociais, relacionando-as ou não ao imaginário social. Elas são associadas ao imaginário quando a ênfase recai sobre o caráter simbólico da atividade representativa de sujeitos que partilham uma mesma condição ou

experiência social, e é por meio das perspectivas adotadas pelos autores dos textos norteadores citados acima que se buscou desenvolver este trabalho de pesquisa.

A teoria das representações sociais e os conceitos dos teóricos

Segundo (PRADO E AZEVEDO, 2011), o auxílio que a Teoria das Representações Sociais (TRS) nos oferece, é fundamental para analisarmos concepções e práticas sociais defendidas e fundamentadas teoricamente como sendo “as mais adequadas” e que se encontram presentes em pesquisas que se dedicam à faixa etária de crianças de 0 a 5 anos.

Para eles, na Teoria das Representações Sociais e, diante da diversidade de opções teórico-metodológicas contidas em uma pesquisa qualitativa, pode-se perguntar se esta teoria serve como fundamento interpretativo para análise de textos científicos?

Entende-se que sim, pois o estudo da referida teoria configura-se como um caminho importante e promissor, o qual, conforme Alves-Mazzotti apud Prado e Azevedo (2008, p.20-21), nos ajuda a “investigar como se formam e como funcionam os sistemas de referência que se utiliza para classificar pessoas e grupos e para interpretar acontecimentos da realidade cotidiana”.

De acordo com Prado e Azevedo (2011), a teoria das representações sociais (TRS) na área da psicologia social foi proposta por Serge Moscovici, tendo como ponto de partida o conceito de “representações coletivas” de Durkheim.

Segundo Moscovici apud Prado e Azevedo (2009), tal conceito de representações sociais vindo de Durkheim e sob o pressuposto da sociologia, propõe que qualquer ideia, emoção, crença, enfim, cadeias completas como as ciências, religião, mito, etc, estariam incluídas nas representações sociais.

Ainda conforme Moscovici apud Prado e Azevedo (2009), Durkheim delimitou passos muito importantes para o desenvolvimento de uma pesquisa quando definiu o coletivo como princípio de nossa vida mental, sendo que as representações coletivas seriam nossa matriz subjacente. Isso quer dizer que Durkheim iniciou uma mudança radical na sociologia e antropologia. Mudanças que nos fizeram avançar.

Para Prado e Azevedo (2011) as representações sociais são vista como grupal porque funcionam por meio da coletividade, quando diz:

As representações sociais são parte da realidade (vista como grupal), ou seja, funcionam coletivamente (por meio de interações e comportamentos). Nesse movimento, novas e velhas representações surgem mediadas pelo que Moscovici chama de “flutuação de sistemas unificadores” que são as ciências, as religiões e as ideologias sociais. “Em outras palavras, existe

uma necessidade continua de re-constituir o ‘senso comum’ ou a forma de compreensão que cria o substrato das imagens e sentidos, sem a qual nenhuma coletividade pode operar” (MOSCOVICI apud PRADO E AZEVEDO, 2009 p. 48,).

De acordo com Prado e Azevedo (2011), tal coletividade acaba enxergando suas ideias e relações por meio de seus próprios comportamentos coletivos. É o que o autor chama de sociedade pensante, ou pensamento considerado como ambiente. Para falar sobre isso Moscovici cita Marx quando ele dizia que as ideias, “uma vez disseminadas entre as massas passam a ser e a se comportar como forças materiais” (2009, p. 48). Se entendermos dessa forma, passamos a compreender porque o objeto da Psicologia Social é observar, descrevendo e interpretando como as ideias passam a ser realidade e como os conceitos passam a ser considerados como objetos ou pessoas. Para os autores, as representações sociais são fenômenos que precisam ser descritos e explicados porque têm um modo próprio de compreender e de comunicar a realidade.

Prado e Azevedo (2011) falam que é preciso considerar duas funções das representações sociais:

A primeira é sua função *convencional*, onde pessoas, objetos ou acontecimentos são colocados em um modelo.

A segunda função é a *prescritiva*, onde a forma de pensar (repensar, recitar) depende das representações. Ou seja, os sistemas imagéticos, classificatórios e descritivos são dependentes de conhecimentos anteriores.

Neste aspecto, aprende-se a pensar o já pensado, desde que o ser encontra nesse mundo social e representativo. O pensamento é prescrito pelo que se tem como representações. “[...] elas são impostas sobre o ser humano, transmitidas e são o produto de uma sequência completa de elaborações e mudanças que ocorrem no decurso do tempo e são o resultado de sucessivas gerações” (MOSCOVICI apud PRADO e AZEVEDO, 2009, p.37).

De acordo com Moscovici apud Prado e Azevedo (2009), predomina nas ciências humanas a ideia de que a sociedade não pensa. Isto porque vive em um mundo de cunho comportamental. Para o autor, o estudo do comportamento objetiva compreender o ser humano que processa informação e se comporta, sendo que os grupos passam a ser considerados receptores. Já o estudo das representações sociais enfoca suas questões a respeito do homem que pergunta, procura resposta e comunica suas decisões, enfim, pensam por si suas próprias soluções

alimentando-se dos acontecimentos, das ciências e das ideologias. Assim, eles afirmam que, ao estudar as representações sociais, é preciso considerar a dinâmica social e suas linguagens e as formas de comunicar um pensamento, aqui entendido como social, e que também revela seu teor subjetivo e identitário.

As concepções da teoria das representações sociais em Rateau.

Segundo Rateau (2012), a teoria das representações sociais, desenvolvida por Serge Moscovici, no início da década de 60, tornou-se uma das principais teorias da psicologia social.

Para ele, a psicologia social é o estudo da realidade social. Ou seja, lida com explicações para as quais recorremos automaticamente, a fim de explicar e entender o mundo que nos cerca.

Rateau afirma que,

De fato, cada um de nós deseja dar sentido aos eventos, comportamentos, ideias e trocar com outros, e buscar encontrar ao redor certa coerência e estabilidade. Cada um de nós busca explicar e entender o entorno a fim de torná-lo mais previsível e mais controlável. (RATEAU, 2012, p. 1).

Mas, segundo ele, o ambiente é constituído de inúmeras situações e eventos e, uma multiplicidade de indivíduos e grupos, que somos constantemente solicitados no decorrer de nossas interações do dia-a-dia, a tomar decisões, dá opiniões neste ou naquele assunto, ou explicar este ou aquele comportamento.

As implicações das representações sociais aplicado à educação

De acordo com Mazzotti (1994), é substancial a variedade de abordagens encontradas nos estudos de representações sociais. Segundo ela, isso se deve não apenas ao fato de que estes são realizados em áreas diversas, nas quais predominam diferentes tradições de pesquisa, mas também porque não há uma metodologia "canônica".

Mazzotti (1994) afirma que, ao estudá-las como produto, deve-se procurar apreender seu conteúdo e sentido através de seus elementos constitutivos: informações, crenças, imagens, valores, expressos pelos sujeitos e obtidos por meio de questionários, entrevistas, observações, análise de documentos, etc. Todavia, para que constituam uma representação, esses elementos devem se apresentar como campo estruturado, o que pressupõe organização e hierarquização dos elementos que configuram seu conteúdo.

Assim, ao estudá-las como processo, estamos interessados na relação entre a estrutura da representação e suas condições sociais de produção, bem como nas práticas sociais que induz e justifica. Isto geralmente requer a análise de aspectos culturais, ideológicos e interacionais, prevalentes no grupo estudado, que possam explicar a emergência de um dado núcleo figurativo, inscrevendo-o em uma rede de significações.

De acordo com Mazzotti (1994), numa ampla revisão do estudo das representações sociais no domínio educativo, Gilly apud Mazzotti (1989) observa que há, ainda, poucas pesquisas nas quais estas ocupam, enquanto tais, um lugar central: ou bem os autores não estudam senão alguns de seus aspectos ou manifestações, ou bem eles as evocam apenas enquanto fatores subjacentes, com estatuto de variáveis intervenientes, para explicar os resultados obtidos. A visão relativamente recente da turma como um sistema social interativo cujo funcionamento só pode ser compreendido com referência a um ambiente social mais amplo levou, entretanto, a um a série de estudos sobre as significações referentes às situações pedagógicas. É possível estabelecer, nesses estudos, uma articulação com as representações sociais, mesmo quando estas não são diretamente focalizadas, analisando as significações que deles possam ser apreendidas.

Assim, segundo Mazzotti (1994) pesquisas focalizando julgamentos de professores sobre seus alunos, submetidas à metanálise, indicaram que duas dimensões principais sustentam o sistema geral de apreensão a partir do qual cada aluno particular é julgado: a instrução e a gestão. Cerca de 30 a 60% da variância da impressão geral dos professores se relacionam ao fator instrução (atitude com relação ao trabalho, nível de assimilação e de criatividade), enquanto de 14 a 21 % se referem ao fator gestão da classe (conformidade às normas e regras sociais e morais da vida escolar). Gilly apud Mazzotti observa que este modelo de apreensão do aluno privilegia a busca de objetivos coletivos onde a criança perde sua identidade, passando a ser um elemento da entidade-classe, e é visto em relação à dependência hierárquica fundada na diretividade do professor.

Mazzotti (1994) afirma que, outras linhas de pesquisa recentes indicam a utilidade da abordagem das representações sociais relacionadas a situações escolares. Entre elas destacam-se os estudos que buscam investigar em que medida as representações da criança sobre as situações de comunicação com o adulto, isto é, seu papel, as expectativas a seu respeito, o sentido de suas intervenções determinam a maneira pela qual eles concebem seu próprio papel e como se comportam do ponto de

vista cognitivo. Outra linha de pesquisa destacada por Gilly apud Mazzotti se refere aos fenômenos de descontextualização e recon-textualização sucessivos do conhecimento que ocorrem a cada etapa de sua transmissão social (do saber erudito ao saber apresentado à criança) por processos de seleção e reorganização da informação. As práticas sociais sucessivas (seleção dos conteúdos do ensino, construção dos manuais, planejamento do ensino pelo professor) operam, a cada vez, reconstruções de um objeto novo, representações sociais sucessivas do saber científico inicial, finalizadas pelos objetivos mesmos das práticas sociais implicadas. A questão se complica ainda mais se considerarmos que os alunos não abordam a maior parte desses objetos de ensino com a mente vazia de conteúdos, mas com todo um conjunto de representações "ingênuas" enraizadas elas próprias em crenças, usos e práticas de seu meio, o que nos remete outra vez à questão das representações sociais.

Para Mazzotti (1994), os trabalhos mencionados mostram que a consideração dos grandes sistemas organizados de significações que constituem as representações sociais é útil à compreensão do que se passa em classe durante a interação educativa propriamente dita, tanto do ponto de vista dos objetos do conhecimento a ser ensinado quanto dos mecanismos psicossociais em ação no processo educacional. A consideração desses sistemas é essencial à superação dos problemas que levam ao fracasso escolar, uma vez que, como observa Gilly apud Mazzotti (1994),

As representações sociais, enquanto sistemas autônomos de significações sociais, são fruto de compromissos contraditórios, sob a dupla pressão de fatores ideológicos e de restrições ligadas ao funcionamento efetivo do sistema escolar, e que o peso destas últimas parece tão mais forte do que os indivíduos são diretamente afetados ou implicados as práticas cotidianas. Vê-se então que, face a uma instituição que está longe de realizar nos fatos as mudanças esperadas, os indivíduos se apoiam, para guiar e justificar seus comportamentos, em sistemas representacionais que privilegiam mais frequentemente elementos e esquemas de forte inércia. (GILLY apud MAZZOTTI, 1994).

Mazzotti (1994) mostra evidências de que o sucesso escolar do aluno das classes desfavorecidas, tal como o fracasso, pode implicar sofrimento, uma vez que o preço desse sucesso é o abandono dos valores, atitudes, comportamentos e linguagem de seu grupo sociocultural de origem, arriscando-se, assim, a perder por completo sua identidade cultural. A autora assinala ainda que, curiosamente, as pesquisas sobre "fracasso escolar" tendem a priorizar as representações obtidas junto à equipe escolar e às famílias, deixando de fora aqueles que ocupam o lugar central nesse processo, ou seja, os alunos.

Considerações Finais

Neste trabalho teórico de pesquisa sobre o estudo das representações sociais, procurou-se ressaltar, ao lado de seus aspectos teórico-metodológicos, aqueles referentes a suas aplicações a algumas áreas de conhecimento de especial interesse para a educação, como desenvolvimento cognitivo, atitudes e atribuições causais, concluindo com algumas sugestões de caminhos promissores para uma compreensão mais ampla do fenômeno educacional e, os principais tópicos discutidos foram: “A teoria das representações sociais e os conceitos dos teóricos”, “As concepções da teoria das representações sociais em Rorty” e “As implicações das representações sociais aplicado à educação”.

Entendendo, portanto que as representações sociais se relacionam com a compreensão humana, suas formas de lidar com a realidade, passa-se a concordar com a importância da nomeação nas relações com suas ações, representações sociais e identidade.

Ao se envolver em uma pesquisa de cunho qualitativo, pode-se pensar na Teoria das Representações Sociais como recurso teórico-metodológico para interpretação de determinadas pesquisas acadêmicas. Essa é uma sugestão inicial que requer continuidade, posto que se analisou artigos científicos e se entende, neste momento, a necessidade de contato com o cotidiano da comunidade escolar, sendo assim possível efetuar uma reflexão mais ampla para se compreender as representações sociais que os seres humanos têm de si e de sua profissão e, também, observar se as questões acadêmicas, de alguma forma, têm influenciado a maneira como os profissionais compreendem sua profissão e sua importância nesta sociedade, se estas estão caminhando em direção ao reconhecimento social e profissional.

Portanto, espera-se que este trabalho venha somar com os demais trabalhos de pesquisa e contribua com o desenvolvimento dos estudos na área das representações sociais e com futuras pesquisas no campo social.

REFERÊNCIAS

ALVES-MAZZOTTI, A. J. Representações sociais: aspectos teóricos e aplicações à educação. *Rev. Múltiplas Leituras*, v. 1, p.18-43, jan/jun. 2008.

MOSCOVICI, S. *Representações Sociais: investigações em psicologia social*. 5 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

PRADO, Alessandra Elizabeth Ferreira Gonçalves; AZEVEDO, Heloisa Helena Oliveira de. A Teoria das Representações Sociais: revisitando conceitos e sugerindo caminhos. Curitiba – PR: PUC CAMPINAS, 2011.

RATEAU, Patrick, et al. Teoria da Representação Social. Tradução: Claudia Helena Alvarenga. In: Van Lange, P.A.

MAZZOTTI, Alda Judith Alves. Representações Sociais: aspectos teóricos e aplicações à educação. Brasília: Em Aberto, ano 14, n, 61, jan/mar. 1994.